

JEROME BRONDFIELD



Encontro no Trem

NAQUELA MANHÃ, quando peguei o trem, o vagão estava repleto como de costume. Arremessado para o interior, fui parar num canto apertadíssimo perto da porta. Estirei o braço para agarrar a barra vertical mais próxima, e vi-me frente a frente com uma linda mulher.

Eu disse *linda*? Ela era *incrivelmente* linda—uma morena espetacular, com uma pele incomparável, aquele tipo de 40 e poucos anos que visivelmente já começara bem dotada em menina e que depois fôra excepcionalmente bem sucedida na obtenção de alianças firmes com o tempo, a natureza, o bom senso e o bom gosto. Vocês certamente já a devem ter visto—a mulher elegante, radiosa, que parece ficar mais bonita cada ano que passa e que por volta dos 40 pode estar no apogeu absoluto.

Passado o impacto inicial, desviei o olhar, não por muito tempo. Menos de 30 segundos, provavelmente.

E aí eu comecei a olhá-la fixa-

mente. Isso mesmo. Enquanto durou a coragem, fitei-a descaradamente. Sou casado, tenho uma espôsa encantadora e dedicada, e dois filhos formidáveis já crescidos, mas o que há de tão errado no fato de se olhar inocentemente, sobretudo se o que nos move é motivado por pura admiração? A propósito, isso é coisa que a maioria das mulheres bonitas não compreende. O homem *pode* ficar embasbacado, numa admiração completa, até quase ao ponto da grosseira, sem que nisso haja necessariamente maldade. É o tributo que a mulher verdadeiramente bonita deveria ter prazer em pagar pela sua beleza, mas bem poucas sabem pagá-lo com elegância.

Seja como fôr, nos cinco minutos seguintes; enquanto ali ficamos de pé, balançando ligeiramente com o movimento barulhento do trem, nossos corpos quase se tocando, executei a tarefa complicada de olhar-sem-olhar. Deixava meus olhos pas-

sarem rapidamente pelo rosto dela, e em seguida, com indiferença, mudava o foco, desviando-o dela para mais adiante; depois, para um lado, e de passagem, novamente para o seu rosto, às vezes permitindo que meus olhos ali ficassem francamente durante alguns segundos—deliciosamente prêso num esquema que eu não queria que fôsse interpretado como flêrte, mas com uma certa vaidade masculina, querendo que ela *soubesse* que eu estava apreciando.

Ela não dava o menor sinal de haver percebido.

O trem parou e entrou uma jovem. Tinha uns 22 anos e era a perfeição da sua idade. Cabelo louro, escovado disciplinadamente para trás, realçado por um enorme laço branco em forma de borboleta; olhos verdes, com sombra azul-claro; uma figurinha num costume de linho verde que em nada contribuía para disfarçar suas formas maravilhosas.

Ela era manequim profissional. A gente as reconhece imediatamente, devido às sacolas amplas, à maquiagem caprichada, e à sua projeção total e impecável. Quando ela entrou pela porta, o único lugar que achou foi ao lado da morena mais velha. Era realmente espetacular.

Acabou formando-se um triângulo apertado, com a mulher mais velha e eu. Com uma criatura dessas tão perto de nós, não se pode evitar de reparar. E eu reparei.

De repente percebi de uma forma misteriosa que a mulher mais idosa pareceu ficar ligeiramente tensa. Não

havia qualquer sombra de emoção em seu rosto. No entanto, era verdade. Não, eu não estava imaginando. Acho que sabia o que deveria estar passando por sua mente.

Tornei a olhar para a môça. Depois desviei a vista e olhei para um anúncio de goma de mascar do outro lado do vagão; tentei olhar para um cartaz vizinho, de um banco, e voltei negligentemente a fitar a môça.

Mas apenas durante um ou dois segundos. Vagarosamente, como quem tem de tomar uma decisão, restitui minha atenção à beleza mais madura. Durante os oito ou 10 minutos restantes da viagem até à cidade não olhei mais para a modêlo.

Quando o trem se aproximou de uma estação no centro, percebi que a mulher mais velha ia descer. Naturalmente eu nunca mais a veria. Então olhei-a de frente, com o olhar mais demorado e mais atrevido de tôda a viagem.

O trem parou. As portas se abriram e ela se preparou para descer. Durante os últimos 20 minutos ela jamais me havia olhado diretamente nos olhos. Continuava a não olhar.

Mas quando passou por mim, havia uma sugestão—não, era mais visível do que isso—de um sorriso no seu rosto. Sorriso de vitória, pensei eu. E, em voz baixa mas nítida, ela disse simplesmente: “Obrigada.”

Foi completamente maravilhoso. Não era *preciso* dizer mais nada. Estava tudo ali, envolvido num requinte de compreensão, que faria daquele um grande dia para nós dois.